

PIRÔ, PALHAÇARIA E BRINCADEIRAS NO SETOR DOS CAVALINHOS NO ARRAIAL DO PAVULAGEM

PIRÔ, CLOWNERY AND PLAYS IN THE HORSEMEN SECTOR OF THE PAVULAGEM FAIR

155

Silvia Sueli Santos da Silva

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4626-686X>

Lucelle Oliveira do Nascimento

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6314-2105>

DOI: 10.21680/2595-4024.2025v8n1ID38934

RESUMO

Este artigo descreve a atuação do Pirô, personagem do artista Hudson dos Passos dos Passos, no setor da Campina do Arrastão do Pavulagem (Belém-PA). Apresenta-se os cortejos e o processo educativo do Instituto. Trata-se de estudo de caso desenvolvido a partir da análise de audiovisuais e entrevistas com o artista; tem como referências Silva (2021), Chagas (2016) e Barroso (2019). Constatou-se que Hudson dos Passos criou o Pirô inspirado em sua vivência nos cortejos do Boi de Máscaras, e em sua experiência artística.

Palavras-chave: Arrastão do Pavulagem; Pirô; Setor da Campina; Cortejos.

ABSTRACT

This paper describes the work of the Pirô, a character by the artist Hudson dos Passos dos Passos, in the Campina section of the Pavulagem Haul (Belém-PA). It presents the hauls and the educational processes of the Institute. This case study was developed from the analysis of audiovisual interviews with the artist; it has as references Silva (2021), Chagas (2016) and Barroso (2019). It notes that Hudson dos Passos created the Pirô inspired on his life experiences in the Haul of the Ox of Masks, and on his artistic knowledge.

Keywords: Pavulagem Haul; Pirô; Campina Section; Street Haul.

1. INTRODUÇÃO

O Arrastão do Arraial do Pavulagem é uma manifestação cultural que acontece durante o mês de junho, em Belém (PA), desde o final da década de 1980, tal manifestação passou por várias configurações no decorrer do tempo; atualmente, a configuração do Arrastão é formada por alas de brincantes conhecidas como setores, que são: Campina, Estandartes dos Santos Juninos, Dança, Percussão e Perna de Pau.

Segundo o dicionário on-line *Papa Xibé* (2021), “Pavulage” consiste em “faceirice, convencimento, metidez, frescura, pedante, pretencioso”, logo, o termo pavulagem, é a qualidade de quem é pávulo, ou seja, pessoa faceira, convencida... e, referindo-se ao Boi das brincadeiras de boi, é um Boi faceiro, convencido, metido.

Nas ruas de Belém, através dos Arrastões do Pavulagem, é possível perceber uma expressão permeada de elementos da cultura paraense. Os brincantes que participam dos cortejos vêm caracterizados com chapéus de palha enfeitados com fitas coloridas de cetim, outros utilizam as vestimentas características das danças folclóricas paraenses - saias e camisas que lembram roupas usadas por dançarinos de carimbó, por exemplo -, desta forma, é perceptível a influência mútua entre a “cultura pavuleira” e outras expressões da cultura paraense.

Este artigo tem o objetivo de apresentar o personagem Pirô, criado pelo artista Hudson dos Passos dos Passos, para o Arrastão do Pavulagem. Este personagem foi inspirado no Pirrô, do Boi de máscaras de São Caetano de Odivelas (PA). Hudson dos Passos, como Pirô, tem o objetivo de conduzir e animar as crianças que acompanham o Arrastão no setor dos Cavalinhos, do Arraial do Pavulagem. Este setor do cortejo é chamado de Campina, é “comandado” pelo Pirô, mas tem apoio de mais pessoas e dos responsáveis pelas crianças. No decorrer do texto, observar-se-á a origem, a evolução da performance do personagem, a transformação de seu papel no Arrastão e o sentimento do artista em relação ao personagem que criou dentro dos Arrastões do Pavulagem. Para esta análise utiliza-se os estudos de Silva (2021), Chagas (2016) e Barroso (2019).

Destaca-se que Hudson dos Passos começou sua vida artística participando de uma oficina de dança inclusiva, na Fundação Cultural do Pará, depois fez parte da companhia de dança *Do nosso jeito*. Ele tem formação de ator pela Escola de Teatro e Dança da UFPA.

A pesquisa trata-se de um estudo de caso, de caráter etnográfico, com observação *in loco* do personagem Pirô durante as saídas do Arraial em 2023. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com o ator Hudson dos Passos dos Passos, que interpreta o personagem Pirô, a fim de descrever o personagem e sua atuação. Destaca-se que as entrevistas foram realizadas via aplicativo de mensagem (whats-App), durante os dias 25 e 26 de novembro de 2023, sendo Hudson dos Passos o único entrevistado, pois toda a investigação da pesquisa se pauta em seu processo criativo. As entrevistas transcritas e analisadas, tiveram a duração de 30min cada. As narrativas possibilitaram a identificação da origem, evolução e função do Pirô no setor da Campina, segundo o seu próprio criador.

Como técnica de coleta de dados, além das entrevistas, foram utilizados recursos audiovisuais, dentre os quais, destacam-se os vídeos: *Como surgiu o Arraial do Pavulagem* (2022), *Pavulagem do teu coração* (2007) e *Boi Pavulagem é o Boi do Mundo* (2019), além de pesquisa documental e imagéticas de acervos do grupo.

O Arraial, em sua trajetória se transformou em uma expressão representativa da cultura paraense.

2. BREVE HISTÓRICO DO ARRAIAL DO PAVULAGEM

O Arraial do Pavulagem é um grupo cultural que nasceu com o objetivo de valorizar as expressões da cultura paraense, desde o final da década de 1980, principalmente em Belém. Ronaldo Silva (Flávio e Vidal, 2019), um dos principais fundadores do grupo, relata que inicialmente um grupo de amigos se reuniu com a intenção de realizar uma brincadeira no Bairro da Campina - bairro histórico de Belém, onde acontece a maior parte das atividades culturais do Arraial do Pavulagem -. A brincadeira consistia em tocar toadas, carimbós e quadrilhas,

saindo do Teatro Waldemar Henrique e dando uma volta pela Praça da República, tendo como símbolo um boizinho pregado na ponta de um cabo de vassoura.

Esse grupo de amigos era liderado pelos músicos Ronaldo Silva, Júnior Soares e Rui Baldez. Assim teve início o “Pavulagem do Teu Coração”, o que conhecemos hoje por “Arraial do Pavulagem”. Atualmente o Arraial do Pavulagem tem a sua frente somente Ronaldo Silva e Júnior Soares.

Com o passar do tempo, o boi, que a princípio era pequeno, cresceu e, com isto, foi possível este brinquedo ganhar vida com a presença de “um tripa”, brincante que dança embaixo do boi. O boi maior também possibilitou que mais pessoas conseguissem visualizá-lo por onde passava. A quantidade de pessoas que acompanhava o boi cresceu consideravelmente e os planos do Arraial do Pavulagem foram se modificando, fazendo com que os seus organizadores pensassem em um boi “embalado” por um “batalhão” de pessoas.

Durante o final da década de 1980 e início da década de 1990, os cortejos aconteciam aos domingos de junho, e para tal ação não era necessário ensaiar, bastava chegar, pegar um instrumento percussivo e tocar junto com todos que faziam aquele “arrastão” cultural pela Praça da República. Havia também aquelas pessoas que apenas dançavam passos marcados, atrás desse grupo de músicos que conduzia o boizinho no cabo de uma vassoura. Contudo, ao final da década de 1990 essa manifestação cultural passou a ser mais conhecida e precisou de um espaço maior para se apresentar, pois somente uma volta na Praça da República já não era suficiente para comportar todas as pessoas que passaram a acompanhá-la. Foi então que os músicos tiveram a ideia de realizar os cortejos da escadinha do cais do Porto para a Praça da República, culminando com o show da banda na praça.

Nos anos seguintes, os cortejos seguiram nesse formato (da escadinha do cais do Porto para a Praça da República), contudo, já foi algo organizado com antecedência, acontecendo oficinas (em que as pessoas aprendiam a tocar instrumentos e a dançar os ritmos tocados nos cortejos) e ensaios que preparavam com um mês de antecedência os arrastões. Foi então que o Arraial do

Pavulagem passou a ser uma “escola cultural a céu aberto”, sempre considerando os ritmos regionais. Naquela época, os ensaios aconteciam no Centro Cultural Tancredo Neves (CENTUR), espaço cedido pelo governo do estado.

O Arraial do Pavulagem passou a ser instituto no início dos anos 2000, quando teve o reconhecimento como instituição que colabora para a valorização das expressões da cultura paraense através das oficinas, ensaios, além dos seminários que promovem o saber amazônico.

Atualmente, os cortejos juninos estão com o trajeto invertido: saem da Praça da República em direção à Praça Waldemar Henrique. E os ensaios acontecem em frente à sede do Instituto Arraial do Pavulagem, localizado em frente à Praça dos Estivadores, na rua Boulevard Castilho França. Além dos cortejos juninos ocorre o Arrastão do Círio, no sábado que antecede a maior procissão católica do Brasil, o Círio de Nazaré, no mês de outubro.

A configuração do Arrastão é formada por alas de brincantes conhecidas como setores, que são: Campina, Estandartes dos Santos Juninos, Dança, Percussão e Perna de Pau. Hudson dos Passos (2023) destaca que a Campina abre o cortejo, visto que crianças, pessoas com deficiência física e idosos participam do Arrastão neste setor, esta é uma forma de eles não se exporem muito ao sol mais intenso, pois chegam primeiro ao destino do show do Arraial do Pavulagem.

Chagas Junior (2016, p. 24), define o instituto como um “movimento cultural surgido no final da década de 1980 [criado] por músicos locais” compreendendo-o como um fenômeno social e cultural, produzido e compartilhado, por meio de uma prática musical composta por indivíduos que agem, vivem, comunicam e produzem em suas interações todo o tipo de conhecimento, inclusive, o musical.

As atividades do Arraial do Pavulagem atraem tantas pessoas para as ruas de Belém que já fazem parte do calendário cultural da cidade no mês de junho. Tais atividades são os cortejos culturais, com o teor dos cortejos populares dos interiores do estado do Pará, que trazem música, dança e arte circense para o cenário urbano, para mais perto da população que se encontra na capital, possibilitando que todos tenham acesso à cultura popular. Pois “quando falamos

em cultura estamos nos referindo mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças, assim como eles existem na vida social” (Santos, 1987 p.15), o que caracteriza o Pavulagem como uma manifestação cultural acolhedora da população urbana.

2.1. O Coletivo Pavulagem e suas referências

No documentário *Pavulagem do teu coração* (Flávio e Vidal, 2019), Ronaldo Silva afirma que “a arte não é um privilégio de quem toca um violão, de quem recita uma poesia, de quem bate uma fotografia, de quem pinta um quadro... a arte ela tá em toda atividade humana” e que o Pavulagem está ajudando a levar a arte para todos, tanto que os cortejos acontecem nas ruas, permitindo o acesso de todas as pessoas à arte.

Para Santos (1987, p.10) “a diversidade cultural não é só feita de ideias; ela está também relacionada com as maneiras de atuar na vida social”, e é algo feito por vários grupos ou pessoas de forma dinâmica, ou seja, o Pavulagem faz arte e cultura por ser um processo coletivo tanto no campo das ideias, quanto na prática, feito por várias mãos, pois há pessoas que tocam na percussão, outras atuam na dança, outros nas artes circenses (como as pessoas que acompanham o cortejo na perna de pau), outros, ainda que trabalham as artes plásticas construindo as alegorias de mão, os estandartes, os cabeçudos, e o boi. Há também as pessoas que fotografam essa manifestação cultural, algumas de forma institucionalizada, outras de forma independente, sem falar do dinamismo proporcionado ao comércio que acontece no decorrer dos cortejos.

Júnior Soares (2020) afirma que as vivências nos locais de origem é que contribuem para as composições do Arraial do Pavulagem. Ele afirma que o seu território afetivo foi que contribuiu para as suas composições, estas geralmente remetem à zona Bragantina e à Marujada de São Benedito.

A Marujada é uma festa católica que acontece em Bragança durante o mês de dezembro; o ponto alto da festa é a procissão de São Benedito, que acontece no dia 26 de dezembro pelas ruas de Bragança (PA). Assim como toda festa religiosa,

a Marujada também tem a parte festiva com música e danças; os ritmos que embalam a Marujada são retumbão, mazurca, xote e chorado. Júnior Soares nasceu em Bragança, considera-se um regional da Marujada, ele afirma que não se veste de marujo, mas sempre está ligado à Marujada, e faz parte da Irmandade de São Benedito (Soares, 2020).

Ainda segundo Júnior Soares (2020), o Arraial do Pavulagem resolveu explorar os ritmos da Marujada bragantina quando eles entenderam que não era somente um tipo de música que representava o ritmo paraense, além disso houve um despertar para a valorização dos nossos Mestres de cultura popular. Júnior afirma que eles tinham e têm a missão de mostrar a música produzida em nossa região. A partir de então, começaram a tocar o xote, o retumbão e a mazurca, em seus shows. Ele destaca que essas músicas são todas autorais. Júnior Soares é o autor do primeiro retumbão cantado, criado quando a Marujada completou 200 anos, antes desse ano, as músicas da manifestação eram somente instrumentais. Importante destacar que a música composta por Júnior Soares em homenagem à Marujada é tocada dentro da Igreja de Bragança durante a festividade de São Benedito e durante a procissão pelas ruas da cidade.

Já Ronaldo Silva, o outro compositor do Pavulagem, é oriundo de Cachoeira do Arari, na Ilha do Marajó, logo, suas composições referem-se quase sempre à realidade marajoara, retratando em suas músicas principalmente as paisagens da Ilha do Marajó e a dança do carimbó.

Tanto Bragança, quanto a Ilha do Marajó e Belém servem de inspiração para as composições das músicas do Arraial do Pavulagem, ficando evidente o regionalismo nas composições de Ronaldo Silva e Júnior Soares, composições essas que embalam os arrastões.

2.2 . Os Cortejos Juninos

Os cortejos do Pavulagem tradicionalmente percorrem o bairro da Campina, onde nasceu e se desenvolveu.

O Batalhão de Estrelas é um grande grupo de pessoas responsável por conduzir os cortejos pelas ruas de Belém. Durante o trajeto, os integrantes do participam tocando instrumento, dançando, andando na perna de pau ou utilizando cavallinhos feitos de material reciclado, tendo como fundo musical toadas de boi bumbá, carimbó e quadrilha. Junto aos integrantes do Batalhão de Estrelas segue acompanhando o cortejo uma multidão dançando e cantando.

O principal símbolo do Arrastão junino do Arraial do Pavulagem é o Boi Pavulagem, um brinquedo popular, na cor azul, com uma estrela na testa e fitas penduradas nos chifres. O boi de brincar faz parte de vários cortejos de festas da cultura popular brasileira.

Como uma manifestação da cultura urbana de Belém, o Arraial do Pavulagem representa uma expressão de apropriação artística do espaço da rua, o que o identifica como manifestação de arte urbana. Segundo Mendonça (2019, p.3) a arte urbana abarca todos os exemplos de manifestações artísticas desenvolvidas no espaço urbano. Ainda segundo a autora “o desenvolvimento da arte urbana tem como objetivo causar impacto em quem observa essa arte; tal arte pode transmitir uma mensagem revolucionária e/ou pode fazer crítica social.”

Chagas (2016, p.08) afirma que o Arraial do Pavulagem, ao desenvolver suas atividades culturais pelas ruas de Belém, possibilita ao público “(re)assumir a rua como referencial de sentido, de socialização e de experimentação como energia motriz de realização de uma ação cultural performaticamente ritualizada”, portanto, o Arrastão “se consolidou no calendário cultural de Belém do Pará como um momento de (re)criação estética e simbólica” da cultura popular.

Chagas (2016, p.8) afirma ainda que os cortejos do Arraial do Pavulagem colaboram para as discussões a respeito da cultura de rua e de patrimônio, discussões essas fundamentadas “na possibilidade de entrelaçamento das noções de patrimônio, ritual e performance” afirmando ainda que há uma renovação de caráter pedagógico sobre os saberes oriundos dos antigos folguedos populares promovidos pelas ações do Arraial.

Os cortejos juninos do Arraial do Pavulagem, além de permitirem a participação popular, dentro e fora do Batalhão da Estrela, estão fundamentados em teorias, tanto de pesquisadores regionais, quanto de pesquisadores nacionais, de arte urbana, popular e patrimonial. Essas teorias se concretizam no *Boizinho Azulado* e nos demais elementos dos cortejos e colorem musicalmente as ruas do bairro da Campina.

3. O ARRAIAL DO PAVULAGEM E O PROCESSO EDUCATIVO

Segundo Ronaldo Silva (2022), os onze primeiros anos do Arrastão foram bem intuitivos, passou a ser pedagógico quando o Pavulagem fez parceria com o Curro Velho, uma instituição governamental que faz parte da Fundação cultural do estado do Pará e atende prioritariamente alunos de escolas públicas. Nesta instituição iniciaram-se as oficinas oferecidas pelo Arraial do Pavulagem, dentre elas uma oficina de confecção de cabeçudos, que foram utilizados posteriormente nos arrastões, e as oficinas de percussão. Com o desenvolvimento de projetos sociais também veio o primeiro boi grande, em 1998. Nesse momento, constata-se o caráter pedagógico do Arraial do Pavulagem, que com o passar do tempo foi se ampliando.

A partir das oficinas e arrastões, o Arraial do Pavulagem associou educação popular e patrimonial, esta última porque o Arraial do Pavulagem, além de tocar o carimbó, que é patrimônio cultural brasileiro, também passou, no ano de 2017, a ser patrimônio cultural de natureza imaterial do município de Belém.

Como patrimônio imaterial de Belém, o Instituto Arraial do Pavulagem compartilha saberes e realiza celebrações artístico-culturais pelas ruas da cidade. Estas celebrações colaboram para a divulgação da cultura através, tanto dos meios de comunicação de massa (televisão, internet etc.), quanto das produções acadêmicas que estudam os elementos dos cortejos do Pavulagem.

De acordo com Barroso (2019, p.01) “o conceito (de cultura) é um instrumento de trabalho” e nós precisamos “ver qual é o mais adequado ao nosso trabalho e

guardar coerência”. Barroso afirma também que a própria inteligência racional da pessoa não controla essa produção.

Em algumas entrevistas do cantor Ronaldo Silva, ele afirma que eles (banda e Instituto Arraial do Pavulagem) já não conseguem mais controlar as pessoas que acompanham os arrastões do Pavulagem e este é mais um ponto que os torna como uma manifestação popular e isso também leva uma identidade para essa manifestação cultural. Segundo Barroso (2019, p.01), “essa identidade cultural acontece quando há permanência das pessoas no local onde se desenvolvem as manifestações culturais, por mais que muitas pessoas visitem o local, quem permanece no mesmo faz da cultura local a sua identidade”, portanto, o Arraial do Pavulagem pode ser considerada uma identidade cultural de Belém do Pará.

Nos Arrastões também é possível visualizar o desenvolvimento da educação popular, que segundo Vasconcelos e Brito (2006, p.91) “é a capacidade de organização e estruturação de uma comunidade no compromisso e na assunção do processo educacional” sem excluir o Estado de suas obrigações com a educação. E é possível visualizar esta organização, estruturação e compromisso no desenvolvimento das oficinas e ensaios do Instituto Arraial do Pavulagem. Tais momentos, oficinas e ensaios, são como as atividades desenvolvidas pelas instituições escolares, com frequência e, em alguns momentos, divisões de grupos de atividades, culminando nos arrastões culturais.

De acordo com o Guia de educação patrimonial:

O IPHAN defende que a Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação (IPHAN, 2014, p.21).

Considerando que Educação Patrimonial, segundo o IPHAN, envolve também o processo educativo não formal, a fim de auxiliar na compreensão sócio-histórico de referências culturais, o Arraial do Pavulagem contribui com esta Educação Patrimonial, visto que o Instituto Arraial do Pavulagem desenvolve atividades

coletivas que compartilham conhecimentos diversos (música, dança, artes circenses) colaborando para a valorização e preservação da cultura popular. Enfatiza-se que todos os anos o Instituto Arraial do Pavulagem também disponibiliza à sociedade local diálogos culturais que colaboram para o desenvolvimento da Educação Patrimonial; geralmente alguns Mestres de cultura popular locais são convidados para esses diálogos culturais, reforçando o processo de valorização dos saberes populares.

O Instituto Arraial do Pavulagem atua no processo de Educação Patrimonial de forma pontual duas vezes por ano, durante os meses de junho e outubro, visto que as atividades do referido Instituto são temas de diversas pesquisas acadêmicas. Tais pesquisas sempre retornam para o Pavulagem através do projeto *Oralidade*, projeto este que compartilha os conhecimentos acadêmicos com toda a comunidade que frequenta o Instituto, contribuindo para a disseminação da cultura paraense e possibilitando o interesse pelo assunto.

4. O ARTISTA HUDSON DOS PASSOS CHEGANDO AO ARRAIAL DO PAVULAGEM

O artista Hudson dos Passos dos Passos, atua como o personagem Pirô durante os cortejos juninos do Arraial do Pavulagem. Segundo Hudson dos Passos (2023), por volta do ano de 2003 ou 2004, ele recebeu da sua amiga Rejane Sobral um convite para auxiliar no setor dos cavalinhos. Um tempo depois, ele também atuou no setor das bandeiras. Naquela época não havia corda para separar o setor dos cavalinhos do restante do cortejo e quem animava as crianças era o brincante Natan, que vinha vestido de vaqueiro.

Contudo, nesse período, segundo Hudson dos Passos (2023), não era desenvolvida nenhuma atividade com as crianças que acompanhavam o Arrastão, elas acompanhavam somente caminhando, não havia atrativos artísticos para as crianças. Num certo momento, Crivaldo Costa, um dos organizadores do Arraial do Pavulagem, solicitou que o Hudson dos Passos animasse aquele setor do cortejo, que era chamado de “Curral dos Cavalinhos”.

Em 2015, Hudson dos Passos colocou um nariz (de plástico) de palhaço e foi animando, intuitivamente, as crianças no cortejo. Naquele momento, segundo o ator, despertou nele a vontade de ser artista e contribuir artisticamente para o desenvolvimento dos cortejos do Arraial do Pavulagem, pois segundo afirma, “o Arraial é a junção de saberes tradicionais com os outros saberes variados” (Passos, 2023).

Em 2016, Hudson dos Passos já se reconhecia como artista, ele já estava estudando teatro, e passou a fazer parte de uma companhia de dança inclusiva, na Fundação cultural do estado do Pará, sob coordenação de Thais Reis. Hudson dos Passos se inscreveu nas oficinas de dança inclusiva porque queria conhecer um pouco mais sobre a dança, mas foi nesse momento que ele conheceu a arte associada à inclusão. Na companhia, ele participou do espetáculo *Pelos Olhos Dela*, que é um espetáculo inclusivo. No ano seguinte, foi montada a companhia *Do nosso jeito*, que é uma companhia de dança inclusiva que conta com a participação de cadeirantes. Dessa companhia, saiu a quadrilha do mesmo nome, na qual Hudson dos Passos atuou como marcador (Figura 1).

Figura 1 – Hudson dos Passos dos Passos na quadrilha inclusiva



Fonte: cedida por Hudson dos Passos dos Passos, 2016.

Hudson dos Passos buscou referências tanto em seu personagem na companhia de dança, quanto em sua juventude em São Caetano de Odivelas (PA) para que ele pudesse construir o personagem Pirô.

4.1. Palhaçaria, Pirô, Hudson dos Passos

A palhaçaria, conforme define Mundo do circo (2022), é uma forma de arte que remonta a tempos antigos e tem como objetivo principal fazer as pessoas rirem. Os palhaços são conhecidos por suas roupas coloridas, maquiagem exagerada e comportamento cômico, sendo eles a personificação da palhaçaria.

Destaca-se que basta colocar um nariz de palhaço para que um ator possa se transformar em um palhaço. Assim que o artista Hudson dos Passos iniciou sua atuação no Arraial do Pavulagem, com apenas um nariz de palhaço. Ele sempre gostou da arte da palhaçaria, pois para o artista, o seu palhaço é a sua criança interior. Quando decidiu trazer o personagem Pirô para o cortejo, Hudson dos Passos aproveitou na composição inicial do personagem o figurino de marcador da quadrilha inclusiva que participou no início de sua carreira. Este figurino tinha um babado que lembrava os Pirrôs de São Caetano de Odivelas, mas ele acrescentou bandeirinhas juninas no babado e foi à procura de um capacete, característico do Pirrô odivelense. Nesse momento, pediu ajuda de Aníbal Pacha, bonequeiro e professor da Escola de teatro e dança da UFPA, este professor o presenteou com o primeiro capacete de Pirrô, mas no cortejo de 2016 ele ainda não usou o capacete, usou um chapéu de palha (conforme aparece na Figura 1) e usou maquiagem no rosto.

O personagem Pirô do boi de máscaras, segundo Silva (2021, p.187), tem ausência de fala por conta do uso da máscara, assim como, este personagem é desprovido de expressão facial. Contudo, quando comparamos o Pirrô, ao personagem do artista Hudson dos Passos, percebemos que o artista difere por não usar máscara, mas sim uma maquiagem, o que permite que este interaja oralmente com todas as pessoas que têm contato com ele.

De acordo com a narrativa de Hudson dos Passos dos Passos (2023), quando era criança/adolescente, ele frequentava a cidade de São Caetano de Odivelas, no

interior do Pará, e ele sempre gostou da visualidade do boi de máscaras, isso o instigou a trazer a ideia do Pirrô para o Arraial do Pavulagem. Ainda segundo Hudson dos Passos, o Pirrô de São Caetano é uma espécie de palhaço, uma referência de palhaço. Ele relembra que no cortejo do Pavulagem já figuravam os cabeçudos, personagens que são característicos do cortejo do Boi de São Caetano de Odivelas.

Segundo o artista, o Pirrô de São Caetano não fala, ele somente gesticula e emite raramente um som diferenciado, mas para compor o Pirrô, ele tirou a máscara porque precisava se comunicar com as crianças, e pintou o rosto como forma de substituir a máscara. Ele conta que algumas pessoas sugeriram que ele pintasse uma lágrima no rosto, em uma referência equivocada com outro personagem, o *Pierrot*, do carnaval. E assim, ele foi para o primeiro Arrastão como Pirô, usando uma calça comprida branca, um tênis e luvas (Figura 2). Hudson dos Passos (2023) ainda relata que chamou o personagem de Pirô para simbolizar a fala/sotaque usada pelos odivelenses ao se referir ao personagem do boi de máscaras.

Figura 2: Pirô no cortejo fluvial dos mastros



Fonte: acervo da autora, 2017.

Em 2017, Hudson dos Passos usou o capacete de Pirrô, contudo a roupa ainda não era semelhante à dos personagens da mascarada de São Caetano de Odivelas, era ainda uma mistura com o palhaço que ele interpretava, tanto que, nesse ano, o artista era chamado de “Palhaço Pirrô”.

No ano seguinte, Hudson dos Passos foi presenteado por Rond Palha, diretor do Boi Faceiro, com o primeiro figurino original de Pirrô, a partir desse momento incrementou a construção da identidade do personagem, aproximando-a mais de sua inspiração no personagem odivelense. Os Pirrôs usam uma toalha para o capacete não machucar a cabeça, mas Hudson dos Passos optou por trocar a toalha por um gorro para proteger a cabeça (Figura 3), este gorro foi confeccionado por ele mesmo. Com o tempo, o Pirô vai mostrando uma forma específica de se expressar. Na Campina, segundo Hudson dos Passos (2023), o Pirô brinca de brincadeiras tradicionais (brincadeira de roda, vivo-morto, etc.) com as crianças.

Figura 3: Pirô no Cortejo em frente ao Teatro da Paz



Fonte: Instituto Arraial do Pavulagem, 2018.

Para criar uma forma de animar o setor da Campina própria para o Pirô, Hudson dos Passos (2023) se inspirou em sua memória afetiva de São Caetano de Odivelas e agregou outros elementos das brincadeiras tradicionais. Pode-se dizer que a junção de todos esses elementos possibilitou o processo de criação do artista, que consegue interagir com as crianças e adolescentes a partir das músicas tocadas durante o cortejo, então, novas brincadeiras surgem a partir dos arrastões, ou seja, a partir do próprio Boi Pavulagem, assim como ocorre em outros cortejos similares.

Hudson dos Passos (2023) comenta que várias pessoas se dirigem a ele e agradecem pela alegria que ele transmite durante as apresentações. Percebe-se que o trabalho do artista é reconhecido e validado pelo público, pois, conforme o próprio artista afirma, sua atuação leva alegria para pessoas de todas as idades.

5. A IMPORTÂNCIA DO PIRÔ NO ARRASTÃO DO PAVULAGEM

Segundo Hudson dos Passos (2023), a função do personagem Pirô é exclusivamente alegrar, animar o setor da Campina, as crianças que vão nos cavallinhos, as crianças que compõem o Batalhão e todo o público que acompanha o Arrastão do Pavulagem e tem contato com o personagem.

O artista explica que a Campina é composta por crianças de 5 a 15 anos, acompanhados por seus responsáveis, os adultos sempre dão apoio a este setor do Batalhão. O artista relata ainda que naquele setor ele brinca, dança, anima, sempre em interação com as crianças. Hudson dos Passos faz uso de brincadeiras tradicionais, a exemplo do “pega-pega, brincadeiras de correr, brincadeiras de roda, pulam, brincam de vivo-morto, estátua...” (Passos, 2023), além dessas brincadeiras, o artista canta e dança as músicas do Pavulagem com as crianças. Segundo ele, esse setor do Cortejo é para que as crianças comecem a brincar e a participar mais do cortejo a partir dessa idade e que elas deem continuidade nos outros anos participando e crescendo ativamente dentro desses cortejos; é interessante que já há adolescentes que participaram da Campina, atualmente

estão participando no setor da perna de pau. É uma forma de manter viva a tradição dos cortejos.

Hudson dos Passos (2023) afirma ainda que a Campina existe para que a cultura popular se mantenha viva a partir dessas crianças e que o personagem surge para levar essa alegria, essa motivação não somente para as crianças, mas também para os adultos. Então, a ideia é levar esse aprendizado para as crianças, fazendo com que o Pavulagem seja referência de cultura, possibilitando que elas conheçam os brinquedos, conheçam as músicas, conheçam as tradições do estado do Pará, ritmos e tudo o que está inserido no Arrastão do Pavulagem. Para Hudson dos Passos (2023), ver uma criança vestida igual ao seu personagem é uma forma de reconhecimento do seu trabalho, e isso o deixa muito feliz.

Hudson dos Passos é artista por formação. Para criar seu personagem ele se exercita, e utiliza toda a experiência e técnicas enquanto artista, além de suas experiências “extraPavulagem” para desenvolver as brincadeiras com as crianças. Todo esse empenho tem como resultado o envolvimento das crianças e suas famílias nos arrastões juninos do Arraial do Pavulagem.

O artista relata que procura sempre levar uma novidade a cada ano, tudo isso surge a partir da vontade, do desejo de aprimorar a Campina. Ele se prepara procurando levar novidade tanto no visual, criando um figurino que possa chamar a atenção de quem tem contato com ele, quanto no entretenimento das crianças, e pesquisa brincadeiras que possam entretê-las no percurso do cortejo.

6. COMO O ARTISTA SE PREPARA PARA DESENVOLVER O PERSONAGEM

O artista Hudson dos Passos (2023) conta que quando pensou no primeiro figurino do Pirô estava em dúvida se o personagem seria um palhaço (ele já interpretava um palhaço em seus trabalhos fora do Pavulagem), ou se seria um Pirrô. Foi então que surgiu um palhaço-pirô, a construção do figurino ficou por conta do professor Aníbal Pacha.

Contudo, esse figurino não agradou o próprio artista. No ano seguinte ele apareceu no cortejo com o figurino original de São Caetano de Odivelas, apresentado por Rond Palha.

O figurino usado pelo Pirô a partir de 2018 (Figura 4) possibilitou uma representação mais próxima dos Pirrôs de Odivelas e tudo foi possível a partir da pesquisa que o ator fez diretamente em São Caetano de Odivelas.

Figura 4: Hudson dos Passos dos Passos atuando na Av. Presidente Vargas



Fonte: Instituto Arraial do Pavulagem, 2018.

Assim, percebe-se que Hudson dos Passos também se prepara para desenvolver o personagem realizando pesquisa no local de origem dos Pirrôs. Ele utilizou o figurino desde o ano de 2018 até o ano de 2022, lembrando que nos anos de 2020 e 2021 não aconteceram arrastões juninos por conta do período de isolamento social devido à pandemia Covid 19.

Já no ano de 2023, o artista pensou em uma roupa que tivesse mais ligação com o Arraial do Pavulagem, tanto que ele comprou um tecido azul, com estrelas (o Boi Pavulagem é conhecido por ter uma estrela na testa; e a música *Iniciais BP*

fala de “estrelinhas cintilantes”) para preparar o figurino do Pirô. Esse figurino teve uma construção baseada no figurino original dos Pirrôs de Odivelas, mas com uma concepção mais do Arraial do Pavulagem (Figura 5).

Figura 5: Pirô no Arrastão do Pavulagem 2023



Fonte: acervo da autora, 2023

Hudson dos Passos (2023) relata que o figurino original de São Caetano é composto por vários tipos de tecidos e de cores diferentes, listrados na vertical, então, é um trabalho muito minucioso das costureiras da cidade, são pedaços de tecidos de cores, de quatro cores, três cores, duas cores. O figurino do macacão que ele mandou confeccionar para o ano de 2023, foi com um tecido único para fazer o capão, mas com o corte do tradicional de Odivelas.

7. COMO O ARTISTA SE SENTE DESENVOLVENDO ESSE PERSONAGEM

Hudson dos Passos (2023) afirma ser gratificante representar o Pirô, ele sente orgulho em desenvolver esse personagem, pois recebe vários depoimentos de gratidão por ter alegrado a vida de alguém em determinado momento do cortejo.

Assim, ele procura ter cuidado, leveza, sutileza ao desenvolver o personagem, mas reconhece que precisa “estar com a energia lá no alto” para poder levar coisas boas para o público. Ele afirma que se sente feliz e grato por conseguir levar alegria, amor e leveza para o público através de seu personagem.

O artista conta que já houve momentos em que ele não estava muito bem, não estava feliz, a exemplo do domingo que ele teve que interpretar o Pirô no cortejo, mas que no sábado anterior havia perdido sua mãe. Naquele momento, Hudson estava triste, mas “vestiu o personagem” e foi alegrar o cortejo. Ele disse que poderia estar recluso, sofrendo, mas, como artista, cumpriu seu papel. Como o Pirô é um personagem alegre, ele foi lá, passou alegria para o público, mas quando o cortejo acabou, ele se permitiu chorar a perda de sua mãe.

Contudo, Hudson dos Passos (2023) afirma que o personagem sempre o fortalece, o que possibilita que ele pense no personagem para o futuro, sempre alegrando os arrastões do Pavulagem.

8. CONCLUSÃO

A partir do breve histórico do Arraial do Pavulagem, da descrição da chegada do artista Hudson dos Passos aos cortejos, da construção do personagem Pirô e da visão do artista a respeito do seu personagem, verifica-se que desde o processo de criação do Pirô até a sua atuação nos arrastões, ele reflete a inspiração nas vivências do artista, durante sua juventude, nos cortejos do boi de máscaras de São Caetano de Odívalas, a partir da “fonte” dos Pirrôs.

Evidencia-se que em seu processo criativo, o criador do Pirô mergulha no universo cultural no qual ele (o artista) está inserido e, desse modo, valoriza sua herança cultural. Além disso, o artista busca constantemente se aperfeiçoar e inspirar-se nas histórias das pessoas que com ele têm contato para construir diariamente o personagem, ou seja, ouvir o público também é uma forma de construção do Pirô.

Em 2023 Hudson dos Passos desenvolveu, junto com o artista Márcio Gomes, a oficina de brinquedos animados (2023). Nesse momento, tanto o Instituto

Arraial do Pavulagem, quanto os artistas envolvidos na oficina pensaram em preparar jovens para desempenhar papéis no Arrastão do Pavulagem. Reafirma-se, portanto, o caráter pedagógico do Instituto Arraial do Pavulagem, quando se vê a transmissão de saberes como ação concreta e planejada dessa manifestação cultural.

Apesar de o boi Pavulagem ser o personagem principal dos arrastões, o personagem Pirô é um personagem importante no cortejo e seu estudo possibilitou explorar diversos aspectos de sua criação, desde a sua idealização até a sua atuação no Instituto. O personagem está sempre buscando se transformar para poder oferecer mais da sua arte durante os arrastões do Pavulagem. Se os arrastões forem observados com mais atenção, cada elemento presente nos cortejos pode ser um objeto de estudo com múltiplas análises.

9. REFERÊNCIAS

BARROSO, Oswald. Cultura Popular: entrevista com o professor Oswald Barroso. Entrevistadora: Bruna Franco Castelo Branco Carvalho. Ponta Grossa: Redalyc, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6317/631766286015/html/> Acesso: 26/12/2023, às 19:58h.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Educação Patrimonial: Histórico, Conceitos e Processos. 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao_Patrimonial.pdf, Acesso: 27/04/2024, às 21:15h.

CHAGAS JÚNIOR, Edgar Monteiro. Pelas ruas de Belém: produção de sentido e dinâmica cultural nos Arrastões do Pavulagem em Belém do Pará. 2016. 303 f. Tese - (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, UFPA, Belém, 2016.

FLÁVIO, Homero; VIDAL, Úrsula. Boi Pavulagem é o Boi do Mundo. Belém: Canal Coletivo Crescente, 2019. Produção: Abre-te cérebro produções. Duração: 57min33s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rjAgMkw0hMs> Acesso em: 26/09/2023, às 13:50h.

JUNIOR, Guaracy. Documentário Pavulagem do teu coração. Belém: Tv Cultura, 2007. Duração: 32min.

MENDONÇA, Camila. Arte Urbana. Educa Mais Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/arte-urbana> Acesso em: 14/01/2024, às 20:19h.

PASSOS, Hudson dos Passos. Entrevista realizada via aplicativo de mensagem de texto de celular (whatsapp) por Lucelle Nascimento. Belém: novembro de 2023.

PAVULAGE. //n. Dicionário Papa Xibé, Belém, 2021, Disponível em: <https://artepapaxibe.wordpress.com/dicionario/> Acesso em: 06/10/2024, às 20:40h.

SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

SÃO PAULO, Governo do Estado de. Palhaçaria. São Paulo: Mundo do Circo, 2022. Disponível em: <https://mundodocircosp.com.br/obras/9> Acesso em: 17/01/2024, às 20:20h.

SILVA, Ronaldo. Como surgiu o Arraial do Pavulagem. Belém: Papo Nostalgia #56. Youtube, 30 de junho de 2022. Por Robson Santos e Apoena Augusto. Duração: 09min36s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X3-RaZ0dnkl> Acesso em: 26/09/2023, às 13:20h.

SILVA, Silvia Sueli Santos da. O Boi e a Máscara: imaginário e tradição nas ruas de São Caetano de Odivelas. Belém: Editora FCP, 2021.

SOARES, Junior. Marujada de Bragança (Completa). Entrevista com Junior Soares. Entrevistador: Ygor Saunier, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y3QbNeGwfd0> Acesso em: 26/12/2023, às 20:44h.

VASCONCELOS, Maria Lucia; BRITO Regina Helena. Conceitos de educação em Paulo Freire. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 2010.